



A POÉTICA LÍQUIDA NA ESCRITURA DE CLARICE LISPECTOR

Danilo França do Nascimento*

* danilofn@gmail.com

Mestrando em Estudos de Linguagens CEFET/MG, atuando nas áreas de teatro e literatura. Possui licenciatura em Artes Cênicas pela UFOP.

RESUMO: Neste ensaio é analisado o papel da água – e de seus ressoadores – enquanto matéria poética na escritura de Clarice Lispector, sobretudo em seu livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. De acordo com o filósofo Gaston Bachelard, concentrar-se em uma matéria pode resultar em uma imaginação aberta, pois qualquer criação artística precisa de uma ‘essência’ (densidade) material, que encontre a sua matéria poética. É nesse sentido que se entende o papel da água na escritura clariceana, pois observa-se que desde seu primeiro conto publicado, a água se mostra um tipo de mote criativo para a escritora. Para a análise aqui pretendida, utiliza-se como aporte teórico principalmente estudos de Gaston Bachelard, Roland Barthes, Leyla Perrone-Moisés, Jean Chevalier & Alain Gheerbrant.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; água; Gaston Bachelard; escritura.

ABSTRACT: In this essay the role of water is analyzed – and its resonators – as poetic material in the deed of Clarice Lispector, especially in the book *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. According to the philosopher Gaston Bachelard, focus on a material may result in an open imagination, for any artistic creation needs a material essence (density), to find the poetic material. It is in this sense that we understand the role of water in Clarice’s deed, because it is observed that since her first published short story, the water refers to a kind of creative theme for the writer. For the analysis here intended, is used as the theoretical studies mainly of Gaston Bachelard, Roland Barthes, Leyla Perrone-Moisés, Jean Chevalier & Alain Gheerbrant.

KEYWORDS: Clarice Lispector; water; Gaston Bachelard; deed.

*Estava à porta do terraço e só acontecia isto:
ela via a chuva e a chuva caía de acordo com ela.
Ela e a chuva estavam ocupadas em fluir com violência.*

(Clarice Lispector)

A relação entre Clarice Lispector e a água remonta a sua infância, quando relata em uma de suas crônicas-memórias, publicada no livro *A descoberta do mundo*, os mergulhos noturnos de mar que dava com suas irmãs e seu pai em Olinda, Recife. Seu pai acreditava que se banhar no mar antes do sol nascer, em jejum, traria um poder de cura, e assim era realizado com a família Lispector. Clarice conta que sempre se entusiasmava neste ritual de banho de mar salutar, pois era o que trazia um pouco de alegria à sua infância triste marcada pela doença e morte da mãe. E a escritora ainda revela algo que fazia nestes rituais de cura e continuou fazendo durante toda a sua vida: com as mãos em concha, bebia das salgadas águas do mar, qual era a sua necessidade de se unir a ele.

Este foi decerto o começo de uma estreita relação com a água a qual Clarice traspassou de sua vida pessoal para a literatura. Desde seu primeiro conto publicado, *Triunfo*, a água se mostra um tipo de *mote* criativo para a escritora. No conto, Clarice explora as potencialidades poéticas da água ao escrever sobre a epifania¹ da personagem Luísa enquanto toma banho, após se ver abandonada pelo namorado:

Tirou a roupa, abriu a torneira até o fim, e a água gelada correu-lhe pelo corpo, arrancando-lhe um grito de frio. Aquele banho improvisado fazia-a rir de prazer. De sua banheira abrangia uma vista maravilhosa, sob um sol ardente. Um momento ficou séria, imóvel. O romance inacabado, a confissão achada. Ficou absorta, uma ruga na testa e nos cantos dos lábios. A confissão. Mas a água corria gelada sobre seu corpo e reclamava ruidosamente sua atenção. Um calor bom já circulava em suas veias. De repente, teve com um sorriso, um pensamento. Ele voltaria.²

No primeiro romance de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, a água também se faz presente em forma de um banho que se mostra iniciador para a protagonista Joana, contando com a mesma característica sinestésica de Luísa:

A água cega e surda mas alegremente não muda brilhando e borburando de encontro ao esmalte claro da banheira. [...] Alisa a cintura, os quadris, sua vida. Imerge na banheira como no mar. Um mundo morno se fecha sobre ela silenciosamente, quietamente. [...] A água esfria ligeiramente sobre sua pele e ela estremece de medo e desconforto. Quando emerge da banheira é uma desconhecida que não sabe o que sentir. Nada a rodeia e ela nada conhece.³

1. A epifania possui como etimologia o termo grego *epipháneia*, referindo-se a uma aparição, ou manifestação. Além de referir-se a uma manifestação que revela sobre uma divindade, o termo é empregado em estudos literários para designar um repentino entendimento profundo da essência de algo ou de alguém. Nesse último sentido é que muitas vezes Clarice Lispector utiliza esse recurso em sua escritura, como no conto "Amor" (*Laços de Família*), quando a personagem Ana tem uma epifania por simplesmente ver um homem cego mascando chiclete.

2. LISPECTOR. *Outros escritos*, p. 14.

3. LISPECTOR. *Perto do coração selvagem*, p. 64-67.

Esta poética líquida e fluída não se faz diferente em seu sexto romance publicado, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. No entanto, antes de realizar uma análise mais pormenorizada da água enquanto *matéria poética* nesse livro, faz-se relevante compreender primeiramente o conceito de matéria e imagem poéticas. Pois se busca neste ensaio entender, ainda que brevemente, o processo criativo em relação com a água desta escritora que é considerada uma das figuras mais importantes da literatura brasileira.

De acordo com o filósofo Gaston Bachelard,⁴ concentrar-se numa matéria pode resultar numa imaginação aberta, pois qualquer criação artística precisa de uma ‘essência’ (densidade) material, que encontre a sua matéria poética. Nesse sentido, as imagens são como um inexaurível alimento para a imaginação material. Logo, a imagem poética é aludida pelo filósofo a uma planta que necessita de substância e forma para que possa se desenvolver. Devido a isso que se torna mais acessível estudar a imaginação poética desde que se entenda que as imagens poéticas também possuem uma matéria. Pode-se designar, por conseguinte, uma *lei dos quatro elementos*, a fim de classificar as imagens poéticas de acordo com as possíveis associações com o fogo, o ar, a água e a terra. Esses quatro elementos “sugerem confidências secretas e mostram imagens resplandcentes. Todos os quatro têm seus fiéis, ou, mais exatamente, cada

um deles é já profundamente, materialmente, um *sistema de fidelidade poética*”.⁵

Nesse sentido, a matéria água e seu sistema de fidelidade poética – os *ressoadores* – são estudados neste trabalho com o objetivo de identificar a matéria poética da água como uma fonte de criação (imaginação) artística, utilizada amplamente na literatura de Clarice Lispector, sobretudo em *Uma aprendizagem*. Desse modo, entende-se aqui o termo *ressoador* como um dinamizador de uma matéria, ou seja, elementos que dão densidade, dinâmica, eco à matéria poética de uma obra.⁶ Nesse sentido, entender brevemente o simbolismo da água torna-se um meio de alcançar tal pretensão de análise.

De acordo com Jean Chevalier & Alain Gheerbrant,⁷ no livro *Dicionário de símbolos*, a água universalmente representa a fecundidade e a fertilidade, desempenhando um importante papel regenerador. Para a cultura asiática, a água simboliza o germe da vida, a fertilidade e a pureza: a matéria-prima (*prakriti*). Como símbolo de bênção, é ela que permite a vida. Para as tradições judaica e cristã, embora o simbolismo da água se refira à origem da vida, ela ainda pode ser analisada como uma fonte de morte (dilúvio, grande calamidade, como punição aos iníquos), que pode criar do mesmo modo como pode destruir. A água também possui uma forte potencialidade simbólica de iniciação, renascimento.

4. BACHELARD. *A água e os sonhos*.

5. BACHELARD. *A água e os sonhos*, p. 5.

6. Cf.: SANTIAGO SOBRINHO. *As imagens de água no romance Grande sertão: veredas de João Guimarães Rosa*.

7. Cf.: CHEVALIER & GHEERBRANT. *Dicionário de símbolos*.

Ainda, vale esclarecer que se utiliza neste ensaio o termo *escritura*, com base em estudos do escritor e filósofo francês Roland Barthes, no sentido de se referir a um *texto* que produz uma significação circulante, um disseminador de múltiplos sentidos. Por conseguinte, o termo *texto* é utilizado neste trabalho na concepção de ser um produto inacabado, no sentido de poder ser ressignificado (traduzido) quantas vezes for necessário. De acordo com Leyla Perrone-Moisés,⁸ “o texto é o lugar da escritura, um lugar onde o sujeito se arrisca numa situação de crítica radical, e não o produto acabado de um sujeito pleno”. Nesse sentido, entende-se que por ser uma *desfuncionalização* da linguagem – pois não concerne a uma função da linguagem –, a escritura obriga a língua a significar além de suas funções.

Acredita-se aqui, portanto, que a literatura de Clarice Lispector possui essencialmente esta característica de significar a mais do que a língua pode oferecer, conforme escreveu Barthes⁹ sobre o prazer do texto: “é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias ideias – pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu”. Clarice soube produzir com sua escritura os mais variados sentidos de um modo dinâmico, colocando a sua literatura em um patamar ainda pouco explorado pelos escritores de seu tempo, conforme bem observou Antonio Candido: “tive verdadeiro choque ao ler o romance diferente que é *Perto do coração*

selvagem, de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim. Com efeito, este romance é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados”.¹⁰

O crítico literário ainda faz outras oportunas considerações sobre o estilo de sua recém-descoberta escritora, o que corrobora o sentido de *escritura* na literatura clariceana: “o seu ritmo é um ritmo de procura, de penetração que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada em nossa literatura contemporânea. Os vocábulos são obrigados a perder o seu sentido corrente, para se amoldarem às necessidades de uma expressão sutil e tensa”.¹¹

Em suma, este entendimento corrobora o objetivo deste ensaio, por ser a escritura um dinamizador de sentidos, o que oportuniza a difusão da matéria poética da água e seus ressoadores em *Uma aprendizagem*, de Clarice Lispector, como a *secura*, a *lua* e o *mar*.

A água e seus ressoadores (com as suas potencialidades simbólicas) perpassam por todo o romance *Uma aprendizagem*. A princípio, os dois títulos possivelmente referentes à primeira parte do livro – *A origem da primavera* ou *A morte necessária em pleno dia* – denotam uma possibilidade de alusão ao renascimento (do mortífero inverno à úbere primavera; a necessidade de morrer para que se possa renascer),

8. PERRONE-MOISÉS. *Texto, crítica, escritura*, p. 49.

9. BARTHES. *O prazer do texto*, p. 24.

10. CANDIDO. *No raiar de Clarice Lispector*, p. 127.

11. CANDIDO. *No raiar de Clarice Lispector*, p. 129.

o que se torna plausível referir-se à água enquanto símbolo de *iniciação*. Estes possíveis títulos mostram ao leitor uma premissa da situação de Lóri, a protagonista.

No começo de *Uma aprendizagem*, Lóri se vê numa completa *secura*: falta água em seu apartamento, assim como falta água em sua vida amorosa e espiritual (alma seca). Há uma *secura* como falta de fertilidade motivada pelo ódio, pela angústia existencial que fazia com que tampouco houvesse lágrima ou suor na vida de Lóri: “era por ódio que não havia água [...] E não chove, não chove. Não existe menstruação. Os ovários são duas pérolas secas”.¹² Torna-se evidente a relação com que Clarice faz desta *secura* com a infertilidade, pois a protagonista se sentia como “parada da vida dos sentimentos”, fazendo com que Lóri se sentisse “uma mulher infeliz”.¹³

Não obstante, em meio à falta de água em sua vida, Lóri pressente um momento de reviravolta: “ela só percebe que agora alguma coisa vai mudar, que choverá ou cairá a noite”.¹⁴ Lóri percebe então uma transformação devido ao encontro com Ulisses. Não com o uso de máscaras sociais, como sempre o fez, mas uma transformação *real* de vida. Por isso que Lóri se banha nos *raios lunares* à procura de se purificar, como um meio de se obter uma epifania (revelação) de vida. E conta com a ajuda de Ulisses para essa realização: “de madrugada ia ao pequeno terraço e quando tinha sorte era madrugada com lua cheia. Tudo isso já aprendera através de

Ulisses”.¹⁵ Assim como a lua precisa do sol para brilhar, Lóri precisa de Ulisses para aprender.

Conforme a descrição feita por Clarice Lispector, Lóri é um ser lunar: “mas da lua ela não tinha receio porque era mais lunar que solar e via de olhos bem abertos nas madrugadas tão escuras a lua sinistra no céu. Então ela se banhava toda nos raios lunares. [...] E ficava profundamente límpida”.¹⁶ A lua pode ser considerada como um ressoador de água devido ao seu simbolismo, que é a de reger os ritmos da vida no que se refere à água, à chuva, e à fertilidade das mulheres, animais e vegetação. Por este motivo que diversos rituais de iniciação acontecem quando a lua está bem visível. Ainda, a lua tem correlação à dependência e ao princípio feminino, pois não tem luz própria, apenas se manifesta devido aos raios do sol que reflete.¹⁷ É possível então fazer uma conexão com a personagem Lóri, que procura descobrir-se devido ao contato com Ulisses. Por isso que, já no final do livro, Lóri admite a necessidade do homem para que possa ser mulher: “eu sempre tive que lutar contra a minha tendência a ser a serva de um homem, disse Lóri, tanto eu admirava o homem em contraste com a mulher. No homem eu sinto a coragem de se estar vivo”.¹⁸

Igualmente, pode-se fazer uma relação de iniciação de Lóri em *Uma aprendizagem* com este ressoador da água, pois a lua “é também o primeiro morto. Durante três noites, em cada

12. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 24.

13. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 42; 85.

14. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 25.

15. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 34.

16. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 34.

17. Cf.: CHEVALIER & GHEERBRANT. *Dicionário de símbolos*.

18. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 154.

mês lunar, ela está como morta, ela desapareceu... Depois reaparece e cresce em brilho. [...] A Lua é para o homem o símbolo desta passagem da vida à morte e da morte à vida”.¹⁹ Com o intuito de aprender, tornar-se outra, Lóri recorre a um tipo de ritual lunar, o que corrobora o conceito de iniciação da personagem: é preciso morrer para que se possa renascer.

Faz-se relevante notar que o nome da protagonista de *Uma aprendizagem* possui uma evidente referência à água e ao mar (outro ressoador). Lóri é uma abreviação de Loreley, figura mítica que a própria Clarice elucida sobre sua origem: “Loreley é o nome de um personagem lendário do folclore alemão, cantado num belíssimo poema por Heine. A lenda diz que Loreley seduzia os pescadores com seus cânticos e eles terminavam morrendo no fundo do mar”.²⁰ Já o nome do outro personagem central de *Uma aprendizagem*, Ulisses, pode-se relacioná-lo ao herói da mitologia grega segundo a obra *Odisseia* de Homero, que também possui alusão ao mar.

Ulisses (segundo a mitologia romana) ou Odisseu (para a mitologia grega) é o rei da ilha grega de Ítaca que participou com grande destaque na Guerra de Troia. O herói tem como grande paixão o mar, apesar de, com a guerra findada, ter de passar dez anos em navegação buscando retornar à Ítaca. Em meio a sua odisseia em alto mar, o Ulisses homérico se depara com o canto das ninfas aquáticas, ordenando então a

seus companheiros de viagem que tapem seus ouvidos com cera para não serem levados às profundezas do oceano. Já Ulisses, ávido por ser seduzido pelo canto das sereias, demanda ser amarrado no mastro do navio para não morrer em decorrência dessa experiência.

No caso de *Uma aprendizagem*, Clarice Lispector ironiza ao fazer o contrário: é a *sereia* Loreley quem faz uma longa viagem (odisseia) ao encontro de si mesma, buscando o autoconhecimento, chamada pelo *canto* de Ulisses. A protagonista clariceana decide por não se amarrar ao mastro e segue o *canto* de seu *sedutor* até as profundezas de si mesma, para morrer e posteriormente renascer como uma nova mulher.

Ainda de acordo com a mitologia grega, Teresinha Silva analisa o romance entre Lóri e Ulisses como uma apropriação por Clarice Lispector do mito de Eros e Psiqué.²¹ Valendo-se de estudos de Junito Brandão, a pesquisadora elucida que as sereias são personificações de forças da deusa grega do amor, Afrodite – uma divindade aquática. O amor afrodisíaco é diferente do senso comum, pois é um amor voltado à satisfação dos instintos sexuais mais primitivos. É uma deusa que possui uma força irreprimível da fecundidade, uma força física que se traduz em desejo e prazer sensoriais. Logo, a transformação do amor instintivo em amor humano torna-se a base do mito de Eros e Psiqué.

19. CHEVALIER & GHEERBRANT.
Dicionário de símbolos, p. 561.

20. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 98.

21. Cf.: SILVA. *Mito em Clarice Lispector*.

Esse se refere ao embate entre Afrodite e a princesa Psiqué pelo amor de Eros, filho da deusa do amor. A luta de Psiqué é a de tirar Eros do plano divino, coletivo e inconsciente relacionado à Afrodite, com o fim de trazê-lo ao plano humano, individual e consciente. Psiqué vence o embate contra Afrodite e tira seu amado do paraíso sexual dos instintos de sua mãe-deusa, e o traz para um encontro consciente com outro humano. “O mito de Eros e Psiqué narra, portanto, uma história de humanização através do desenvolvimento da consciência: de como Eros, o amor só instinto, só corpo, transformou-se até ser humanizado, através da união consciente com a Psiqué, alma humana”.²²

Portanto, torna-se plausível relacionar tal mito com a história clariceana de Lóri e Ulisses. Fazendo as vezes de Psiqué, Ulisses almeja que Lóri aprenda o amor consciente e humano: ter o prazer da vida pela humanização dos desejos. No caso, é Ulisses quem seduz pacientemente a *sereia* Loreley, e a humaniza, fazendo com que Lóri resista às forças inconscientes e afrodisíacas do desejo não humano, para que então saiba viver de corpo e alma. Esta humanização de Lóri se efetiva quando aprende que não mais se chama Lóri, mas *Eu*.²³

Para efetivar esta iniciação de uma vida completamente nova, Lóri recorre a um ritual de *autobatismo* no mar, o qual se torna um ponto alto da potencialidade poética da água em

Uma aprendizagem. Às cinco e dez da manhã Lóri se arrisca no desconhecido, e vai à praia deserta: “alguma coisa se desencadeara nela, enfim. E aí estava ele, o mar. Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não-humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos. [...] Ela e o mar”.²⁴

Como a água pode simbolizar tanto a vida quanto a morte, torna-se evidente a relação em morrer e renascer outro: uma iniciação. Bachelard considera que “a água, substância de vida, é também substância de morte para o devaneio ambivalente. [...] Diz-nos C. G. Jung que ‘o morto é devolvido à mãe para ser re-parido’. A morte nas águas será para esse devaneio a mais maternal das mortes”.²⁵ Ainda citando Jung, o filósofo defende que o desejo do homem é que as águas da morte se transformem em águas de vida, que a morte seja um colo materno, assim como é o mar. Tal devaneio de Bachelard e Jung – a água que *re-pare* – torna plausível relacioná-lo à iniciação de Lóri no trecho do mar: ela ali morre nas águas, para então renascer como uma nova mulher. É a partir deste trecho que Lóri passa a se entender, finalmente, como iniciada à vida: ela é a mulher, é a amante, é viva, está sendo, de acordo com a sua aprendizagem do prazer humanizado.

Clarice Lispector continua relatando a iniciação de Lóri ao mar. Quando a protagonista decide tomar coragem de se

22. SILVA. *Mito em Clarice Lispector*, p. 33.

23. Cf.: SILVA. *Mito em Clarice Lispector*.

24. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 76; 78.

25. BACHELARD. *A água e os sonhos*, p. 75.

abismar no desconhecido, no mistério que é o imenso mar, no mistério que é descobrir-se enfim, sente frio e toma consciência de si mesma:

Esse corpo entrará no ilimitado frio que sem raiva ruge no silêncio da madrugada. A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem. [...] A coragem de Lóri é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir, e agir sem se conhecer exige coragem. Vai entrando. A água salgadíssima é de um frio que lhe arrepia e agride em ritual as pernas. [...] O caminho lento aumenta sua coragem secreta – e de repente ela se deixa cobrir pela primeira onda! O sal, o iodo, tudo líquido deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo – espantada de pé, fertilizada. [...] Avançando, ela abre as águas do mundo pelo meio. Já não precisa de coragem, agora já é antiga no ritual retomado que abandonara há milênios.²⁶

Para finalizar o ritual, Lóri entende a necessidade de sentir o mar também por dentro, assim como a pequena Clarice fazia nos rituais de banho de mar em Olinda. Por isso, “com a concha das mãos cheias de água, bebe-a em goles grandes, bons para a saúde de um corpo. E era isso o que estava lhe faltando: o mar por dentro como o líquido espesso de um homem”.²⁷

A metáfora que Clarice faz das águas do mar como o esperma de um homem ainda pode remeter ao nascimento

de Afrodite, devido às semelhanças das qualidades nívea e densa entre o esperma e a espuma do mar. De acordo com a mitologia grega, Afrodite (Αφροδίτη) é considerada uma divindade aquática, por ter nascido das espumas do mar: “o grego *αφρός* (*aphrós*), ‘espuma’, teve evidentemente influência na criação do mito da deusa nascida das ‘espumas’ do mar. [...] Afrodite é a forma grega da deusa semítica da fecundidade e das águas fertilizantes, Astarté”.²⁸ Realizando um diálogo deste entendimento com a observação de Sándor Ferenczi – de que as secreções sexuais de Afrodite cheiram a peixe, haja vista que o psicanalista acredita que a deusa do amor nunca tenha saído das águas²⁹ –, torna-se plausível que o renascimento de Lóri no mar seja amparado pela *bênção divina* de Afrodite. Apesar do processo de humanização ao qual Ulisses faz Lóri passar, ela não recusa seus desejos mais primitivos. Por isso que após seu autobatismo, Lóri convida Ulisses a ver os peixes no mar, pois se vê como uma nova mulher, dupla: humanizada e *afrodisíaca*, desejosa de seu amante na forma mais primitiva possível:

Os pescadores continuavam a esvaziar na areia novas redes onde os peixes ainda se mexiam quase mortos. E deles vinha o forte cheiro sensual que o peixe cru tem. Lóri aspirou profundamente o cheiro quase ruim, quase ótimo. Só a própria pessoa podia exprimir a si própria o inexprimível cheiro do peixe cru – não em palavras: o único modo de

26. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 79.

27. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 80.

28. BRANDÃO. *Mitologia grega*, p. 215.

29. Cf.: DEBRAY. *Acreditar, ver, fazer*.

expressar era sentir de novo. E, pensou ela, e sentir a grande ânsia de viver mais profundamente que esse cheiro provocava nela. [...] Lóri queria dizer a Ulisses como o cheiro de maresia lhe lembrava também o cheiro de um homem sadio, mas jamais teria coragem. Aspirou de novo a morte viva e violentamente perfumada dos peixes azulados, mas a sensação foi mais forte do que pôde suportar e, ao mesmo tempo, que sentia uma extraordinariamente boa sensação de ir desmaiar de amor, sentiu, já por defesa, um esvaziamento de si própria.³⁰

Conforme já visto, o amor relacionado à Afrodite concerne à satisfação dos mais primitivos instintos sexuais, sendo esses o resultado de uma grande força do desejo e do prazer sensoriais. Portanto, fica evidente que o trecho acima demonstra o momento em que Lóri se permite sentir a sua latente sexualidade mais primitiva (ligada à deusa do amor), conforme se pode notar nas seguintes passagens: “e deles vinha o forte cheiro sensual que o peixe cru tem”; “o cheiro da maresia lhe lembrava também o cheiro de um homem sadio”; “sentia uma extraordinariamente boa sensação de ir desmaiar de amor”. Outra característica afrodisíaca está no mesmo trecho do mar, quando, após Lóri ter sentido o mar por dentro, as ondas realizam nela os movimentos característicos de uma relação sexual: “agora ela está toda igual a si mesma. A garganta alimentada se constringe pelo sal, os

olhos avermelham-se pelo sal que seca, as ondas *lhe batem e voltam, lhe batem e voltam* pois ela é um anteparo compacto”.³¹

Esta análise serviu, portanto, como uma busca intuitiva para compreender como, na escritura fragmentária de Clarice Lispector, a água se refere a uma matéria poética necessária à imaginação criativa da autora. Entende-se que a escritura clariceana estimula o leitor a se envolver em sua multiplicidade de sentidos e de ressignificações. Assim sendo, a escritura de Clarice Lispector se mostra como um caleidoscópio em que, de acordo com o olhar de cada leitor, exhibe um mundo singular em que a água e seus ressoadores são constantemente evidenciados em prol de uma poética líquida.

Ainda, vale considerar que a *escritura* não concerne a um mero meio de comunicação. Ela se volta para o mundo assim como se volta para si mesma, pois ela se basta. Segundo Barthes, no texto não existe ribalta entre escritor e leitor, pois não há um ser ativo, o escritor, nem tampouco passivo, o leitor.³² A escritura é considerada pelo filósofo como uma *ciência das fruições da linguagem*, possuindo somente um tratado: a si mesma. Assim, a escritura não apenas diz algo, mas diz ela mesma, “pois mesmo quando ela afirma, não faz mais do que interrogar. Sua ‘verdade’ não é uma adequação a um referente exterior, mas o fruto de sua própria organização, resposta provisória da linguagem a uma pergunta sempre aberta”.³³

30. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 100-101.

32. Cf.: BARTHES. *O prazer do texto*.

31. LISPECTOR. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, p. 80.

33. PERRONE-MOISÉS. *Texto, crítica, escritura*, p. 33.

Essa concepção de escritura, portanto, dialoga com a motivação que Clarice Lispector possuía para escrever, conforme se pode notar no livro *A hora da estrela*: “enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever”;³⁴ como também no póstumo livro *Um sopro de vida*: “‘escrever’ existe por si mesmo? Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. [...] Escrever é uma indagação. É assim: ?”.³⁵ É assim o fez, escrevendo o mistério por si mesmo, sem necessidade de entendimento ou comunicação. Por isso que Clarice Lispector foi – e continua sendo – uma pergunta.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Volume I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

DEBRAY, Régis. **Acreditar, ver, fazer**. Trad. Eliana Maria de Melo Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Outros escritos**. Org. Lícia Manzo; Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANTIAGO SOBRINHO, João Batista. **As imagens de água no romance Grande sertão: veredas de João Guimarães Rosa**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SILVA, Teresinha V. Z. Mito em Clarice Lispector. In: **Interdisciplinar**: Revista de Estudos em Língua e Literatura. Itabaiana/SE, ano 3, v. 7, n. 7, p. 29-42, jul./dez. 2008.

34. LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 11.

35. LISPECTOR. *Um sopro de vida*, p. 14.